

A DECOLONIALIDADE DE SABERES NA OBRA *CORAÇÃO NA ALDEIA, PÉS NO MUNDO*, DE AURITHA TABAJARA

Carla Lucilene Uhlmann³

Resumo: Auritha Tabajara é mãe, escritora, contadora de histórias, nordestina, ativista das causas dos povos originários e notoriamente a primeira mulher indígena a publicar cordel no Brasil: *Coração na aldeia, pés no mundo* (2018). Em formato de livro, e não no tradicional formato de folheto, a obra literária explora temas autobiográficos, nos quais, a autora revela ao mundo um pouco da ancestralidade e memória de seu povo, conferindo outras significações ao arco e flecha como instrumentos de luta contra hegemônica. As escritas de Auritha se junta a de tantos outros escritores e escritoras indígenas cujas publicações fazem circular suas obras literárias capazes de acordar o coração dos homens brancos. Nesse sentido, o propósito do recorte da pesquisa aqui apresentada intenta discorrer como, por meio dos ritmos e cadências de suas rimas, Tabajara decoloniza conhecimentos que estão arraigados desde o período da invasão europeia nas terras de Abya Yala (América Latina), ancorado por reflexões de pensadores como Lugones (2008, 2011), que trata das questões do feminismo decolonial e da colonialidade do gênero e, com Quijano (2005), sobre a colonialidade do poder. Ademais, com a escrita, pensada na imagem conceito a flecha-palavra, Auritha encontra caminhos para se reconstruir, resistir e reexistir (MOREIRA, 2015), e com

³ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB). Linha de pesquisa 1: Literatura, Produção Cultural e Modos de Vida. Orientador: Prof. Dr. José Carlos Felix. Endereço eletrônico: carlinhauhlmann25@gmail.com.

os pés no mundo, inscrevendo-se como uma escritora solta a rima com a beleza de sua poética oral, numa performance (ZUMTHOR, 2018) transformadora. Nesse traço ritmado, numa sonoridade que ecoa da floresta para mundo, outras epistemes e tessituras textuais são possíveis para recriarmos mundos mais justos e equilibrados para adiarmos o fim do mundo (KRENAK, 2020).

Palavras-Chave: Literatura indígena. Auritha Tabajara. Decolonialidade.

INTRODUÇÃO

Os pés ganham o mundo, nos mundos. Com a rima poética de seus cordéis, Auritha Tabajara se reescreve na história de seu povo e abre caminhos para as novas gerações de escritoras. Ela poderia continuar com os pés na aldeia, assim como seu coração, mas os pés ganharam asas, como de Hermes, e as asas estão a levando para voar ainda mais alto.

Francisca Aurilene Gomes, como é seu nome no registro da modernidade, lançou sua flecha do interior do Ceará para atingir outros pagos. Acertar com belas palavras, com sua flecha-palavra. Assim como aqueles que vieram antes dela, ela também está ressignificando o arco e a flecha. Sua obra literária atravessa pré-conceitos que a colonialidade (QUIJANO, 2005) insiste em permanecer como uma tiririca.

O que Auritha começa a fazer com suas obras é a decolonialidade de saberes, repensando novas formas de ser e existir no mundo com conhecimento de seu povo Tabajara (ou seria nação?). Desse modo, o pensador indígena Ailton Krenak (2022) reafirma que a memória é uma herança ancestral. Mas por outro lado, temos um paradoxo inquietante do xamã yanomami Davi Kopenawa: “estamos com o pensamento cheio de

esquecimento”. A partir desses apontamentos, veremos como Auritha Tabajara se insere no mundo dos não indígenas com suas obras literárias grávidas de saberes que extrapolam o indizível perceptível aos olhos nus.

PARA MAIS ALÉM DO CORPO LITERÁRIO

“A vida tem sua própria lógica, sua própria escrita.
Quando a gente não a lê, ela dita.
Quando a gente não a ouve, ela grita.
Quando a gente não a entende, ela explica.
Quando a gente se apercebe, ela Auritha”.

Por Daniel Munduruku

Na quarta capa do livro *Coração na aldeia, pés no mundo*, o escritor e também liderança indígena Daniel Munduruku presenteia não somente a autora com essas palavras, mas também os leitores da obra. A vida é uma confluência de saberes, sabores, dissabores descontraídos. A vida dita, grita e com a escrita Auritha explica que a vida é e deve ser para além de um corpo literário. Nessa simbiose entre a vida e as obras literárias, a arte poética (quase uma redundância) extrapola os limites corporais e atinge o etéreo. O corpo humano, que tem suas limitações físicas, pode atingir outros patamares com a memória, com as artes, com as potencialidades da oralidade. A performance (ZUMTHOR, 2018) cordelística que Auritha nos brinda, no livro, é um fragmento das memórias ancestrais que ela traz em seus escritos.

Honrando aos que vieram antes, a flecha-palavra foi mirada pela escritora, professora, dentre outros adjetivos que a caracterizam em defesa dos povos originários, Eliane Potiguara. Foi ela quem abriu uma clareira da mata em direção à urbe. Com seu poema *Identidade indígena* publicado em 1975, ela começa o movimento literário que toma corpo e força nas décadas

seguintes. E não parou mais. Ela se fortaleceu com outros parentes⁴ que vieram a escrever suas cosmovisões. Esse movimento da escrita dos povos indígenas começou, como aponta Potiguara, porque muitos – os juruás (homens brancos) – estavam escrevendo erroneamente sobre os povos originários, ou seja, os traços da colonização ainda estavam latentes em pleno século XX. Em uma entrevista para a Revista Cult⁵, Potiguara nos flecha:

A literatura indígena, na verdade, nunca existiu. Ela não existe, é apenas uma estratégia de luta, um instrumento de libertação, de conscientização. Eu sempre considero que a gente precisou partir para a literatura porque não tinha outros espaços. Estava todo mundo ocupando nossos espaços. Eu vi centenas de pessoas escreverem sobre as lendas indígenas, alterando o conteúdo do texto, o final da história. Escritores que não eram indígenas, que pegavam um mito e alteravam para um texto escrito. Muda tudo. Não pode ser mudado. Aquilo é feito por indígena, alguém tem de defender esse território também.

Assim como a escritora Eliane faz com a palavra inscrita na materialidade do livro, Daniel Munduruku também se apropria dessa ferramenta colonial: o livro impresso! Ele foi o primeiro escritor indígena a publicar livros infantojuvenis, em 1996, cuja obra *Histórias de índio* foi editada pela Companhia das Letrinhas, uma das mais relevantes do mercado editorial brasileiro. Após Munduruku, demais parentes também seguiram nesta linhagem.

⁴. Parentes: outras etnias indígenas.

⁵. Revista Cult: <https://revistacult.uol.com.br/home/eliane-potiguara-perfil/>.

AS EPISTEMES TEÓRICAS SE ENTRELAÇAM COM O SER TABAJARA

Neste ponto vale ressaltar sobre essa ferramenta colonial – o livro –. Quando os portugueses chegaram com suas naus no litoral brasileiro, que é assim que o conhecemos hoje, avistaram pessoas muito distintas das quais estavam acostumados em suas vivências europeias. Não se vestiam do mesmo modo, aliás, roupas eram poucas para o clima tropical, e tampouco falavam a mesma língua. Com o contato, os estrangeiros perceberam que os nativos eram pessoas sem fé, sem lei, sem rei. Ou seja, os lusitanos precisavam a qualquer custo catequizar os povos, salvando-os de todo mal. Não demorou muitos dias daqueles idos de 1500, e a primeira missa foi rezada para, de fato, marcar território, e o livro mais importante utilizado para a ocasião foi a bíblia.

O livro é uma ferramenta colonial, compreendida pelos diversos povos indígenas, porque todos os preceitos giram em torno desse objeto. Todo o conhecimento ocidentalizado ficará marcado com tinta e fechado em um livro, salvo engano quando alguém o ler e o compreender. No entanto, para os povos originários, que são oriundos da tradição oral, toda a cosmologia e sabedoria, ligadas através da memória ancestral, impactam no presente tempo-espaço. Dito isso, as várias etnias indígenas estão ressignificando o livro e a escrita para conseguirem dialogar com os não indígenas. Se eles precisam falar a língua dos brancos para reivindicar os seus direitos, territórios eles irão fazer, com maestria.

Auritha pede licença à Pachamama para falar e escrever e traduzir aos não indígenas um pouco da cultura do povo (p. 6):

Peço aqui Mãe Natureza,
Que me dê inspiração
Pra versar essa história
Com tamanha emoção

Da princesa do Nordeste,
Nascida lá no sertão.

Como consta em seu primeiro livro-cordel, desde criança, quando aprendeu o código alfabético e o tornou parte de seu ser, a rima e a sonoridade de repentes e cordelistas estão inseridos em suas composições. Nas histórias contadas por sua avó, Auritha aprendeu a arte narrativa desde berço, pois foi através da matriarca que ela ganhou o mundo.

Auritha não se cala. Ela decoloniza os saberes, das veias que ainda estão abertas, na materialidade de seu cordel. Geralmente, os cordéis são impressos em folhetos, com papel simples, mas não menos importante. Neste viés, podemos refletir sobre conteúdo x forma, influenciando na estética da obra literária. O que é mais importante em sua literatura, em seu cordel? O formato ou o conhecimento inscrito nas páginas? Para alguns tradicionalistas e defensores da arte genuinamente nordestina, o cordel precisa seguir os padrões do livreto, com xilogravura, rimas e recortes. Por outro lado, a arte é transgressora e ultrapassa quaisquer medidas que já estão consagradas.

É a partir desse modelo, livro-cordel, que Auritha reescreve o seu caminho como escritora-mulher-mãe-lésbica-ativista-narradora oral, e tantos outros adjetivos que podem limitá-la ou encorajá-la para além das compreensões efetivas. Com a obra, *Coração na aldeia, pés no mundo*, Tabajara se assegura no caminho da decolonialidade. É com essas trajetórias, de tantas Aurithas, que o corpus perpassa para além do corpo literário: “Letras são meu baluarte, revelo com minha arte, um Brasil a conquistar” (p. 40). A subjetividade e criatividade poética extrapõem quaisquer limites. A questão central para desatar os nós (e nós também plural do ser) é retornar ao passado, onde tudo começou: em 1500, quando os primeiros portugueses

aportaram nas terras de Abya Yala⁶, com suas engenhosidades sagradas.

Desde a chegada das naus cabralinas nas terras tropicais, o processo de conquista tanto do território quanto das nações indígenas que já habitavam este local, foi deveras intenso. Mas essa conquista não foi romântica como entre enamorados. Aliás, romantizaram muitas narrativas que perduram até hoje. Os portugueses intensificaram a expansão dos poderes para perpetuar o sangue lusitano.

Aníbal Quijano (2005) se debruçou esforçadamente para compreender as lacunas desse processo que a América Latina passou depois da chegada de portugueses, espanhóis, holandeses, franceses, todos eles querendo expandir seus comércios além-mar. A América Latina é vista até hoje como um grande manancial, a fonte de rejuvenescimento do mundo. A região amazônica segura os céus (Kopenawa, 2022) com seus rios voadores para manter e refrescar a cabeça daqueles pensamentos fogosos. A partir do século XVI que a “modernidade” irrompeu em Abya Yala; nesse processo, criaram-se as segregações que atravessam os corpos – gênero, raça, superior/inferior, bem/mal – ou seja, as dicotomias subjetivas de quem está no poder.

De volta ao passado para também ressignificar a sua própria história, é neste caminho que Auritha se desdobra para traçar a decolonialidade, ela percorreu árduos caminhos para se

6. ABYA YALA, na língua do povo Kuna, significa Terra madura, Terra Viva ou Terra em florescimento e é sinônimo de América. O povo Kuna é originário da Serra Nevada, no norte da Colômbia, tendo habitado a região do Golfo de Urabá e das montanhas de Darien e vive atualmente na costa caribenha do Panamá na Comarca de Kuna Yala (San Blas).

encontrar e se afirmar enquanto artista da palavra. Vejamos algumas estrofes (p. 32):

*Agora eu tenho em mente,
Um desafio a enfrentar:
Refazer minha história,
Sem desistir de lutar.
Tantas noites eu chorei,
Quanta tristeza passei...
Não dá nem pra imaginar!
Depois de forte batalha
Buscando sobreviver,
Assumi minhas raízes
E assim pude perceber,
Tudo aqui tem um padrão:
Quem tem grana é patrão;
O ter é mais que o ser.
Mas, em vez de desistir,
Foi mais forte o meu amor:
Recorri à autoestima,
Tupã ouviu meu clamor,
Pois, nesta escola da vida,
Ter mente desenvolvida
Foi o meu maior valor.
Mãe é um anjo da guarda
Que nasce para brilhar,
Que supera ingratidão,
Sofre sem deixar de amar.
Minha mãezinha querida
Orientou-me destemida,
A cantar, rezar, brincar.*

Neste trecho da obra, Auritha relata que está morando em São Paulo “Tudo aqui tem um padrão: Quem tem grana é patrão; O ter é mais que o ser”. Longe de sua terra, de sua família, e principalmente de suas filhas. Um dos momentos mais difíceis que

ela enfrenta, a depressão, em meio às incertezas e inconstâncias da vida, e é através de um mergulho que faz em si mesma, nas raízes de sua cultura, escutando as vozes sagradas de sua linhagem, que ela dá a volta por cima. Quando emerge, ela surge com novas perspectivas diante da própria vida. Ela buscou forças em sua ancestralidade para reescrever a sua vida (MOREIRA, 2015). Acreditando e confiando no poder transcendental que a arte pode proporcionar, ela vai tecendo novas formas de ser e decolonizar.

FEMINISMOS DECOLONIAIS

Atuando e sendo protagonista de sua própria vida, Auritha dita e explica para aqueles que têm olhos e ouvidos atentos. Partindo dos estudos da pesquisadora argentina María Lugones (2008) que versam sobre a colonialidade de gênero e feminismo decolonial, ainda evidenciamos as marcas da colonização presente em nosso cotidiano. Como dito anteriormente, foi a partir do século XVI que a modernidade/colonialidade assolou os povos nativos e deu uma nova roupagem para as terras Abya Yala.

A América Latina foi sendo pensada e criada segundo as epistemes colonialistas. Toda forma social, política, econômica e cultural dos povos nativos não condizia com o modelo europeu. Desse princípio, os colonizadores se colocam e se veem como superiores dotados de poder. Por conseguinte, as pessoas que já viviam nessas terras são menosprezadas, são tidas como inferiores. Quijano (2005) apontou em seus estudos a questão de gênero, mas Lugones (2008) analisou mais profundamente e constatou que a heteronormatividade predominava, seguindo a “divisão biológica” entre masculino e feminino. Além disso, as mulheres de “cor” foram esquecidas, essas mulheres são as não brancas, que muitas vezes estão à margem da sociedade envolvente. São mulheres negras, indígenas, amébricas,

periféricas. Lugones (2008) investiga em seu artigo a intersecção entre raça, classe, gênero e sexualidade que as mulheres de cor sofreram e como isso ainda está incrustado na sociedade.

É importante termos bases teóricas para alicerçar e dar respaldo para avançar e construir paredes sólidas. Auritha tem suas bases, ancestrais, ligadas com os elos mais sagrados: o coração. O que a mantém firme com os pés no mundo. Ela tem conhecimento das durezas da vida e também sobre a região nordeste, seu berço, como podemos ver em seu verso:

Quando se fala em princesa
É de reino encantado,
Nunca, jamais, do Nordeste
Ou do Ceará, o estado.
Mas mudar de opinião
Será bom aprendizado.

Nessas palavras, podemos fazer algumas indagações: a princesa se refere às princesas dos reinos encantados, ou seja, da Europa. Nos “acostumamos” a escutar e ler histórias do mundo civilizado, os causos e lendas do nosso país não tinham notoriedade, ou sequer validade, ainda em se tratando da região nordeste do Brasil. Por outro lado, é chegado o momento dos não indígenas escutarem as histórias contadas pelos próprios indígenas. E é isso que Auritha faz se inspirando em outros escritores e escritoras, além de abrir caminhos para as novas gerações de mulheres indígenas.

A referida escritora enfrentou muitos preconceitos para chegar aonde está. A começar com seu próprio companheiro, quando suas filhas eram pequeninas. Esse relato, hoje, o lemos com um suspiro de alívio, mas para Auritha que sofreu em sua pele, teve marcas silenciosas. Em seu livro ela diz o seguinte (p. 28 e 30):

Então saiu, dessa vez,

Para São Paulo, sozinha.
Deixou, com o pai na aldeia,
As duas filhas que tinha.
E no coração levou
Consigo cada indiazinha.
Rejeitado, o companheiro
Recusou-se a aceitar.
Foi bancar o pai-herói
No conselho tutelar.
Esperou ela sair
E já foi denunciar.
Formalizou a denúncia
De que havia largado
Duas crianças pequenas –
Para aldeia, um “pecado”.
E ninguém nem quis saber
O que tinha enfrentado.

No trecho acima, podemos perceber o quão dolorido foi esse período da vida. Ademais, é importante ressaltar o relato que Auritha consegue realizar. Nem todas as mulheres que são tolhidas, seja de quaisquer formas, têm coragem para depor. Mais uma vez, foi um mergulho profundo que ela fez em suas tristezas. E quando voltou à superfície, veio mais forte, com toda força de sua ancestralidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vemos que as obras produzidas por mulheres indígenas, além de ser obras artísticas, são também denúncias. A arte é uma transgressão. Ela extrapola quaisquer limites, barreiras e fronteiras, sociais, culturais e linguísticas. Pois a arte é sentida. Colocar isso em palavras pode parecer um simulacro da vida real, pois ser mulher, indígena, nordestina, lésbica, em sociedades preconceituosas, é enfrentar batalhas, sim.

O primeiro embate talvez seja consigo mesma, em assumir suas raízes, seu lugar de fala, assumir o que se pode ser e o que se quer ser. E é como aponta Ailton Krenak, que precisamos seguir a vida como a fluidez das águas dos rios, que são também nossos avós. A vida segue seus fluxos numa confluência de vários e ilimitados saberes, basta estarmos devidamente atentos para o que nos chega, e sempre chega. Auritha segue produzindo sua arte, a arte de viver outras vidas que condizem mais com o seu modo de ser mulher. É ela quem dita, como bem colocou Daniel Munduruku. Segue com seus pés no mundo, em São Paulo, e em outros lugares que a convidam para partilhar os seus saberes.

E com a força feminina que habita o seu ser, Auritha escreve com cadência e desenvoltura seus mais novos cordéis, que foram publicados pela revista SESC SP⁷. Vejamos um trecho:

Iracema tabajara

Sou Auritha Tabajara,
Nascida longe da praia,
Fascinada pelas rimas
E melodia da jandaia.
No Ceará foi a festa,
Meu leito foi a floresta
Nas folhas de samambaia.
A minha essência ancestral
Me encontra cordelizando,
Faz me existir resistindo,
Ao mundo eu vou contando;
Que minha forma de amar
Ninguém vai colonizar,

⁷. Revista SESC SP: <https://www.sescsp.org.br/ineditos-poemas-em-cordel-assinados-por-auritha-tabajara-e-ilustracoes-de-lucelia-borges/>.

Da arte sempre vou me armando.
Filha da mãe Natureza,
Mulher guerreira eu sou,
Com a força feminina
Cinco séculos galgou.

Com a beleza e a força do povo Tabajara, Auritha continuará cordelizando, existindo e reexistindo e encorajando tantas outras mulheres a não desistirem de si mesmas. Com a arte podemos usufruir do bem viver com novas narrativas que queremos contar para as gerações que estão vindos, de humanos e todas as formas de vida que há nesta Terra. E que humanidade contamos para os filhos, filhas? Se os seres humanos têm a capacidade de abstrair, criar ficções, facções, construir impérios e o também destruir como num big bang atômico... Talvez seja o momento de olharmos para o retrovisor e repensarmos quais mundos queremos construir daqui para frente, com mais arte de contar belas narrativas.

REFERÊNCIAS

ANDRUETTO, María Teresa. *Por uma literatura sem adjetivos*. 1ª ed, 2ª impr. Tradução: Carmem Cacciacarro. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2013.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *Entre América e Abya Yala – tensões de territorialidade*. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/estudoslatinoamericanos/wp-content/uploads/2019/04/ELA8%C2%BA-Texto9-1.pdf> Acesso: 3 ago. 2023.

KRENAK, Ailton. *Futuro Ancestral*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LUGONES, María. Colonialidad y género. *Tabula Rasa*, núm. 9, julio-diciembre, 2008, pp. 73-101 Universidad Colegio Mayor de Cundinamarca Bogotá, Colombia.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais / pensamentos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*; tradução Solange Ribeiro de Oliveira. 1ª ed. rev. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira (2015). *Reescrita de si: produções de escritoras subalternizadas em contexto de políticas culturais*. Disponível em:

<https://www.poscritica.uneb.br/wp-content/uploads/2021/01/MOREIRA-Jailma-dos-S.-P.-Reescrita-de-si.pdf>. Acesso: 28 jul. 2023.

MUNDURUKU, Daniel. *A escrita e a autoria fortalecendo como identidade*. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/A_escrita_e_a_autoria_fortalecendo_a_identidade. Acesso: 1º ago. 2023.

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA. Materiais educativos. Disponível em: <https://nheepora.mlp.org.br/>. Acesso: 5 ago. 2023.

QUIJANO, Anibal. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais - perspectivas latino-americanas*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Clacso, 2005a. p. 107-30.

TABAJARA, Auritha. *Coração na aldeia, pés no mundo*. 1ª ed. Lorena: UK'A Editorial, 2018.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção e leitura*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.